

## **LER NÃO SIGNIFICA DECODIFICAR**

Wendell Fiori de Faria (UFF)

[professorfiori@gmail.com](mailto:professorfiori@gmail.com)

Ademárcia Lopes Oliveira Costa (UFRN)

[ademarciacosta@gmail.com](mailto:ademarciacosta@gmail.com)

### **1. Introdução**

Cada vez mais a escrita vem sendo utilizada como forma de comunicação e possível constatar que as relações que estabelecemos no cotidiano são cada vez mais permeadas por ações que envolvem a leitura e escrita, assim, este artigo aborda questões que envolvem a importância desta aprendizagem e sua característica social. Enquanto concepção de leitura, concordamos com Soares (2003) e Kleiman (1999), que defendem que a leitura não é uma mera decodificação, perpassando a perspectiva do letramento, quando ressalta que ler é fazer o uso social da leitura e como Freire (2008), que a entende como leitura de mundo.

A leitura é apenas um aspecto parcial do consumo, mas fundamental. Numa sociedade sempre mais escrita, organizada pelo poder de modificar as coisas e reformar as estruturas a partir de modelos escritos (científicos, econômicos, políticos), mudada aos poucos em “textos” combinados (administrativos, urbanos, industriais, etc.) pode-se muitas vezes substituir o binômio produção-consumo por seu equivalente e revelador geral, o binômio escrita leitura (CERTEAU, 1994, p. 262).

Seguindo este propósito, Bakhtin (1997) destaca que o desenvolvimento da linguagem não faz parte de um processo estritamente biológico. Este autor entende que a compreensão da língua também ocorre quando se busca a qualidade contextual das relações sociais que a permeiam, mas vale destacar que isto não satisfaz essa condição plenamente, pois o contexto não é suficiente, ou seja, o dito não está imune ao não dito e ao interdito. O cenário da realidade de sua enunciação contribui para sua concretização da palavra. Seu sentido também é determinado pelo contexto fundado no lugar social das relações dos interlocutores, havendo tantas significações possíveis quanto forem os contextos possíveis, fato que justifica o título e vários momentos deste artigo, pois não existe somente uma leitura ou uma interpretação, são várias as facetas que interferem, neste caso, o leitor também é influenciado pelo contexto social, as vivências, o saber e sua história de vida.

Com base nesse aspecto é que apresentamos dois tópicos que con-

tribuem para traçar uma perspectiva mais ampla do ensino da leitura, no primeiro, destaca-se que ela é algo aprendido socialmente e, que interpretamos a mensagem, neste caso a escrita, a imagem, a situação cotidiana, entre outras formas de comunicação, conforme o repertório de conhecimentos prévios que possuímos, no segundo item, tratamos da importância da leitura na sociedade atual e destacamos brevemente o papel que a escola desempenha nessa trajetória.

## **2. A tradução da língua**

A palavra serve como um instrumento de intermediação entre o homem e o mundo, estando contaminada por valores, conceitos e visões que se tem sobre a realidade ou fantasia. Por excelência, as formas de comunicação (linguagem) assumem dimensões fundamentalmente históricas e sociais, sendo utilizadas por diferentes pessoas, em situações diversas e lugares distintos, que evidenciam uma produção em circunstâncias díspares, portanto, a palavra não contém sentido único, estando impregnada por uma perspectiva sócio-histórica.

Para Vygotsky (2003), o desenvolvimento do pensamento humano não vai do individual para o socializado, mas se dá do social para o individual, a linguagem surge através da elaboração do pensamento humano, não se nasce com ela, mas se aprende a partir dos primeiros anos de vida e durante toda ela.

Para Rego (2001), “tanto nas crianças como nos adultos, a função primordial da fala é o contato social, a comunicação”, ou seja, é através da linguagem que os homens materializam os seus vínculos societários, acumulam conhecimentos e transmitem informações, é a partir dela que se constrói a possibilidade da consciência propriamente dita.

Assim sendo, a comunicação entre as pessoas não se efetiva uniformemente, as palavras possuem vários significados, podem assumir “traduções” diversas que estão vinculadas a um grupo social, conforme Bakhtin (1997) a comunicação sucede da diferença apresentada entre as pessoas, os textos ou grupos sociais. De acordo com este autor, é na relação homem-mundo que se efetiva a intermediação da linguagem, da palavra ou de algum signo expressivo, sendo isto que contribui para que o homem possa contar o mundo, lê-lo e interpretá-lo.

Através da comunicação e do repertório vocabular que temos é

que se reflete a compreensão da linguagem do outro e do mundo, podendo considerar-se uma espécie de tradução, na qual assume o significado situado nos limites do conjunto pessoal de linguagem própria e do outro, implicando que existe alguém que esteja falando dentro do contexto dos “seus mundos”, que será compreendida a partir de um conjunto de conhecimentos/informações comuns.

Nestas condições, Bakhtin (1997) e Vygotsky (2003), comungam do pensamento que a partir da palavra é que pessoa se revela e é revelada a outra e, em decorrência disto, à coletividade. A palavra é o elo que liga o indivíduo as outras pessoas e ao mundo, em um extremo ela apoia em si, no outro, em seu interlocutor, que é dependente de um território vocabular comum a ambos.

O locutor retira a palavra do repertório de conhecimentos prévios que construiu, do arcabouço de significados disponíveis em seu estoque pessoal e o sentido é carregado de interpretações do contexto, sendo que, este significado também é ideológico, uma vez que a palavra sempre está impregnada de um conteúdo, possui um sentido vivencial e social. A partir desta premissa, fica evidente que uma palavra tem “traduções” diferentes quando pronunciada por pessoas distintas e em situações diversas, ou seja, quando é dita por um lavrador, um índio, um professor, um adolescente, etc..., sendo que, não é traduzida exatamente como tendo o mesmo significado. A leitura (tradução) é reflexo das estruturas sociais, por isso, o momento histórico ou o grupo em que estamos inseridos desencadeiam modificações nas interpretações que se realizam.

O repertório social interfere diretamente na interpretação de um texto, desta forma, Kleiman (1999) enfatiza a relevância dos conhecimentos prévios para a compreensão do texto e amplia o entendimento de interação ao afirmar que:

[...] o leitor utiliza na leitura o que já sabe, o conhecimento adquirido ao longo da vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. E porque o leitor utiliza justamente diversos níveis de conhecimento que interagem entre si, a leitura é considerada um processo interativo. Pode-se dizer com segurança, que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haveria compreensão (KLEIMAN, 1999, p. 13).

Assim, a autora destaca a importância deste conhecimento antecipado e construído socialmente, essencial à compreensão, pois são esses conhecimentos que possibilitam ao leitor fazer inferências, relacionar

partes do texto e, mais tarde, compreender o que esta lendo, e aqui, ressaltamos que esta leitura não será necessariamente gráfica, da palavra escrita, podendo ser uma imagem, gesto, situação etc.

O material que mais utilizamos em nossa comunicação cotidiana é a palavra e, é aí que se revelam as formas básicas, as formas ideológicas gerais da comunicação. Neste sentido, a palavra não é única, as interpretações são pluri e não mono, sendo assim, os textos ultrapassam o código.

Partindo deste enfoque, supõe-se que ler e ler compreendendo se apresenta como circunstâncias distintas. Assim, quando tomamos um texto e vamos analisá-lo aprofundamos a interpretação do mesmo conforme o estoque de significados que possuímos, traduzindo as informações em um nível de abstração elementar, médio ou superior, quer dizer, relacionado a nossa visão de mundo e do mundo.

Neste sentido, é que compreendemos que é papel daquele que ensina (professor) motivar, auxiliar, formar, ler junto, compreender com aquele que lê o que se lê, para que com isto os conhecimentos prévios sejam trazidos a tona e este repertório seja ampliado, constituindo, desta forma, a construção de novos conhecimentos prévios, possibilitando que os leitores(as) traduzam/compreendam novas leituras ou como ressalta Soares (2003) o importante não é somente ensinar a ler, mas, sobretudo, contribuir para que aquele que aprendeu a ler envolva-se em práticas sociais de leitura, para que o ato de ler integre a sua vida, ou como vem sendo explicitado até aqui, proporcionar ao leitor condições para ler a palavra, o mundo, as relações sociais e a realidade.

### **3. Para que ler?**

Atualmente, no século XXI, acredita-se que um dos papéis da educação é contribuir para a transformação da sociedade; isto é, através de suas ações ela tem condições para possibilitar a mudança das pessoas e, desta forma, interferir para a transformação nos grupos, nas instituições, nas relações de trabalho e do sucesso e do fracasso na vida cotidiana.

Conforme Freire (2008), é preciso conceber a educação como uma ação mobilizadora, dinâmica, construtora de uma sociedade mais cidadã, na perspectiva de democratizar todos os seus espaços.

O mundo se abre em forma de horizontes de conhecimentos, cada um de-

les pede a minha presença, a minha participação. É a penetração consciente nesses horizontes que garante o caráter ontológico de minha existência; emergo como sujeito, sou, à medida em que me situo conscientemente nos objetos que compõem os horizontes com os quais me defronto (SILVA, 2005, p. 66).

Por isso, seremos o que vivenciamos, quer dizer, somos reflexo das experiências nas quais fomos inseridos, vendo o mundo a partir das lentes das relações sociais, culturais, bibliográficas, familiares, ou seja, da interação do eu com o outro e com o mundo.

A partir deste horizonte, ler não pode se restringir a uma reprodução do texto escrito, até mesmo, não é suficiente dizer que ler significa ler texto, pois o mundo está cheio de textos (imagens e realidade) que podem e devem ser lidos/interpretados, escritos de diversas formas e que superam uma leitura restrita ao ambiente escolar, ou seja, como defende Silva (2005), “voltada para a formação do leitor do mundo e não somente da palavra”.

Dominar a leitura é algo muito importante, trata-se de um processo de reflexão que propicia condições para que o sujeito possa levantar hipóteses, questionar, elaborar ideias, valores, juízos, razões, e mais importante ainda, é através da leitura de mundo que o indivíduo pode humanizar-se e humanizar gradativamente.

Desse modo, a leitura não pode ser elitizada, deve ser um direito coletivo, para que o indivíduo que não lê e que não sabe ler não seja despojado de viver em plenitude a nossa época e usufruir de seus direitos na sociedade.

O analfabeto é aquele que não pode exercer em toda a sua plenitude os seus direitos de cidadão, é aquele que a sociedade marginaliza, é aquele que não tem acesso aos bens culturais de sociedades letradas e, mais que isso, grafocêntricas (SOARES, 2003, p. 20).

É lamentável, que muitos cidadãos brasileiros não tenham esse direito garantido. Devemos superar esta condição e não economizar esforços para que essa realidade seja minimizada com brevidade.

Um ser humano alfabetizado, independente da função que exerça, é capaz de não se deixar assenhorear pessoal e profissionalmente, não se submete a interesses escusos e, acima de tudo, é capaz de construir um fazer respaldado pelo exercício cotidiano do entendimento de suas formas de ser e de estar no mundo (ARAUJO & BASTOS, 2008, p. 155).

Todos os envolvidos no processo de formação do leitor devem assumir sua parcela de responsabilidade nesta tarefa. E, sobretudo, que tomemos consciência que a leitura é desenvolvimento de um conjunto de

habilidades. Ou seja, a leitura é um processo interativo (os leitores utilizam seus conhecimentos prévios para interagir com o texto e com o mundo para construir significados).

A escola, por sua vez, passa a ter uma nova função; ser espaço de otimização dos processos de aprendizagem e dos processos de formação dos cidadãos. Do contrário, ela está fadada a continuar reproduzindo os papéis definidos pelo sistema, cabendo a ela somente a função de reproduzir e disciplinar, mantendo a situação exclusória atual.

Promover a leitura de mundo significa ir além das descobertas das ideias fundamentais e acompanhar o desenvolvimento através do texto, exige que o leitor realize operações cognitivas diversas. Neste sentido, ser um leitor crítico implica ter condições para buscar, selecionar, organizar e sintetizar informações de fontes distintas (escritas, imagens, situações, textos etc.) e fazê-la significativa para utilizá-la com habilidade na solução de problemas, na tomada de decisões, na formulação de projetos e outras situações complexas da vida cultural e social das pessoas e de suas comunidades. Ler criticamente implica desenvolver a capacidade estratégica que permita reflexionar sobre os próprios processos de compreensão e regulá-los em função de suas necessidades e propósitos, ou seja, ler a própria vida.

#### **4. Considerações finais**

É necessário desviar o eixo central do processo do ensino para a aprendizagem e, portanto, que o aluno seja considerado em todas as suas dimensões, tanto histórica, quanto social e que isto esteja inserido no cotidiano o qual se encontra, evidentemente, sem abandonar a questão do próprio ensino, papel e responsabilidade que não deve ser assumido somente pela escola, mas esta instituição deve tê-lo como um pilar, no qual os professores, principalmente os que atuam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, devem estar prontos (e pedagogicamente preparados) para assumir essa postura. Tendo consciência que o que verdadeiramente importa, muito mais do que a sua aula com sua provável erudição, é o real aprendizado de seus alunos, sendo este efetivamente percebido através da capacidade de enfrentar situações reais e solucionando novas situações. Acima de tudo o professor necessita ser um pesquisador que reflita sobre o sucesso/fracasso do aluno e admita que, na realidade, se ele não está aprendendo, o problema pode não estar somente nele e isto deve ser o princípio de uma reflexão, replanejamento e formação continuada que

remeta a busca de uma aprendizagem significativa e coerente com o contexto social do alunado.

Neste sentido, destaca-se que o ato de ensinar vai muito além do bom senso e do senso comum, sendo assim, torna-se eminente repensar o cotidiano escolar geral e no enfoque deste artigo, voltado para o ensino da leitura, aprendizagem que não está descolada do contexto geral da escola. Assim, experienciando novas alternativas e propiciando ao aluno ser um sujeito histórico na construção dos saberes que desenvolve na escola, superando sua condição inicial de leitura “tradução” literal e promovendo a leitura do mundo (ler o implícito), formando um aluno/cidadão com potencial de desenvolvimento da capacidade de ler o texto e o contexto para além das dimensões do ambiente escolar, ou como já explicitamos e concordamos, “ler o mundo”.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, M. M.; BASTOS, J. B. Gestão e Alfabetização na Escola Pública: velhos poderes e novos saberes. In: GARCIA, R. L (Org.). *Alfabetização: reflexões sobre saberes docentes e saberes discentes*. São Paulo: Cortez, 2008.

BAKHTIN, M. M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

KLEIMAN, A. *Texto & leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 6. ed. Campinas: Pontes, 1999.

MEIRIEU, P. *O cotidiano da escola e da sala de aula: o fazer e o compreender*. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2005.

REGO, T. C. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SILVA, E. T. da. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

SOARES, M. B. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.